

## Trajetórias de jornalistas negras em dissertações e tese publicadas no Brasil<sup>1</sup>

Jaine Araújo da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### RESUMO

Este trabalho apresenta os estudos de mestrado e doutorado disponíveis sobre as trajetórias de jornalistas negras no Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Considerando o recorte temporal 1993-2023, foram identificadas duas dissertações de mestrado focadas em jornalistas que atuam nas cidades do Rio de Janeiro e Natal, respectivamente, e uma tese de doutorado que alcança jornalistas negras de todas as regiões do Brasil. Em diálogo com Barichello (2016), identificamos: autoria e área de conhecimento da pesquisa, justificativa, objeto empírico, referencial teórico, problemática e metodologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalistas mulheres; mulheres negras; jornalistas negras; trajetórias profissionais; jornalismo brasileiro.

### INTRODUÇÃO

Validar mulheres negras como produtoras de conhecimento e visibilizar o pensamento dessas sujeitas é uma das preocupações dos feminismos negros. Como mulheres negras, é necessário que reivindicamos a fala sobre nossas experiências em primeira pessoa, bem como requeiramos que a produção de conhecimento originada a partir dessas experiências seja considerada legítima tanto quanto saberes elaborados por outros grupos sociais.

Nesse sentido, este trabalho dialoga com uma pesquisa de doutorado, em fase inicial de desenvolvimento, que busca compreender como assimetrias de raça, gênero e classe impactam as trajetórias profissionais de jornalistas negras que atuam no Norte do Brasil; e o que tais assimetrias produzem tanto em termos de opressão quanto em termos de resistência. Temos, portanto, a preocupação em identificar os impactos desses sistemas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e epistemologias antirracistas e afrodiaspóricas na Amazônia, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Mestra em Letras e Jornalista pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: jaine.ppgjor@gmail.com.

de dominação nas trajetórias dessas sujeitas, sem deixar de compreendê-las como agentes da própria história e do campo do jornalismo.

A comunicação oral aqui proposta se assenta em uma aproximação primária das pesquisas a nível de mestrado e doutorado produzidas no Brasil e publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes entre os anos de 1993 e 2023. Em buscas guiadas pelas palavras-chave “jornalista negra”, “jornalistas negras”, “trajetórias de jornalistas negras” e “jornalistas mulheres negras”, foram identificadas duas dissertações de mestrado (Louback, 2018; Souza, 2022) focadas em jornalistas que atuam nas cidades do Rio de Janeiro e Natal, respectivamente, e uma tese de doutorado (Lima, 2023), que alcança jornalistas negras de todas as regiões do Brasil.

## ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Quando nos propomos a pensar a categoria “mulher” se faz necessário levarmos em conta outros atravessamentos. Os feminismos negros propõem para tanto o conceito de interseccionalidade. Nomeado pela intelectual Crenshaw (2002), embora já discutido sem esse nome por mulheres negras que estavam fora do meio acadêmico (Coletivo Combahee River, 2019), o conceito busca visibilizar a forma como diferentes identidades conformam processos de produção e perpetuação de desigualdades.

A interseccionalidade permite que compreendamos as especificidades das experiências vividas por mulheres que são atravessadas não somente pelas desigualdades produzidas a partir do marcador do gênero, mas também de raça, classe, sexualidade, faixa etária, território e assim por diante.

A partir dos dados do *Perfil dos Jornalistas Brasileiros 2021* (PJB 2021), observamos que, embora a profissão seja majoritariamente feminina (57,8%), esse estrato é notadamente branco (68,4% das mulheres jornalistas se autodeclaram dessa forma). A comparação com a edição anterior do estudo, publicada em 2013, evidencia diminuição da proporção de mulheres em 5,9% (Nicoletti; Kikuti; Mick, 2023).

Segundo os pesquisadores que analisam os dados do PJB 2021, a precarização é mais cruel com mulheres do que com homens no mercado de trabalho jornalístico. Elas são mais afetadas pelo adoecimento geral e relacionado à atividade profissional, além de estarem mais expostas a assédio e violações dentro do ambiente de trabalho e terem os piores índices de renda e capacidade de pagar despesas.

Já quando consideramos os dados relativos à raça, um ponto relevante é que, mesmo tendo havido crescimento da proporção de jornalistas autodeclarados negros, passando de 23% para 30% (Lima *et al.*, 2022), os profissionais negros do jornalismo se deparam com um cenário que reflete a realidade brasileira: o racismo estrutural produz uma não diversificação racial nos cargos de comando, além de precarização do trabalho, baixa remuneração e carreiras encurtadas, de acordo com as reflexões de Nonato e Santiago (2023), que também se debruçaram sobre os dados coletados no PJB 2021.

Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade é uma chave útil para pensarmos nas implicações que racismo e sexismo produzem sobre as trajetórias profissionais de mulheres negras, uma vez que essas sujeitas são atravessadas por ambos sistemas de dominação. Buscando entender o que já se sabe sobre as trajetórias de jornalistas negras brasileiras, o recorte aqui apresentado analisa as pesquisas de mestrado e doutorado já concluídas que tiveram como foco esse tema.

As dissertações de mestrado “*Jornalistas negras no Rio de Janeiro: trajetórias de vida e narrativas de resistência diante do racismo*” (Louback, 2018) e “*Jornalistas da resistência: histórias de vida de jornalistas negras do Rio Grande do Norte*” (Souza, 2022), se debruçam sobre as vidas de jornalistas que atuam nas capitais fluminense e potiguar, respectivamente. Cada pesquisa analisa as histórias de vida de quatro jornalistas negras. Já a tese de doutorado “*Racismos nas trajetórias escolares e profissionais de jornalistas negras*” (Lima, 2023) registra e discute relatos de 137 jornalistas negras que atuam em estados das cinco regiões do Brasil.

Tendo em vista o caráter exploratório do presente resumo, faremos a seguir uma descrição geral dos trabalhos, observando, a partir de Barichello (2016), os seguintes itens: autoria e área de conhecimento da pesquisa, justificativa, objeto empírico, referencial teórico, problemática e metodologia.

O primeiro ponto a ser destacado é que as pesquisas foram desenvolvidas por mulheres jornalistas negras e publicadas recentemente. Mesmo estendendo ao máximo as buscas no Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, só foram encontrados três textos a partir de buscas com as palavras-chave “jornalista negra”, “jornalistas negras”, “trajetórias de jornalistas negras” e “jornalistas mulheres negras”. Os textos foram publicados em 2018, 2022 e 2023, respectivamente, portanto, em período recente.

A dissertação de mestrado sobre quatro jornalistas que atuam no Rio de Janeiro foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais,

do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), (Louback, 2018); enquanto a pesquisa sobre jornalistas que atuam em Natal, no PPG em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (Souza, 2022). Um ponto que chama atenção nesse trabalho é que, por se tratar de um PPG profissional, a dissertação dialoga com a produção de um documentário que apresenta os relatos das quatro jornalistas entrevistadas. Já a pesquisa de doutorado (Lima, 2023) foi desenvolvida Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os textos das autoras têm uma característica comum aos escritos de autoras feministas negras: a marcação do lugar de onde falam. A partir das reflexões sobre suas experiências e trajetórias, as pesquisas são desenvolvidas. Há, portanto, articulação entre teoria e prática na construção dessas pesquisas, partindo de inquietações que surgem muitas vezes nos grupos construídos como minorias. Nesse sentido, analisando diferentes pesquisas sobre a presença negra de jornalistas no Brasil, Lima (2023) ressalta a necessidade de se refletir sobre as condições em que mulheres negras atuam na profissão.

As justificativas de todos textos são ancoradas principalmente na falta de estudos que considerem conjuntamente os marcadores de raça e gênero e também abram espaços para reflexões sobre classe e idade. Especificamente, Louback (2018) justifica a relevância de estudar trajetórias de jornalistas negras que atuam em cargos e áreas valorizadas no jornalismo para mostrar que, apesar do racismo e sexismo, há mulheres negras que atuam na mídia e constroem suas identidades e desenvolvem estratégias de resistência nos ambientes profissionais em que atuam.

O objeto empírico adotado nas pesquisas são relatos de jornalistas negras. Na pesquisa de Louback (2018) foram feitas entrevistas presenciais com quatro jornalistas negras. As perguntas da pesquisa foram 15 e versavam sobre três tópicos principais: identificação, visibilidade e trajetória. Na dissertação de Souza (2022), também foram feitas entrevistas presenciais com quatro jornalistas negras. As entrevistas foram decupadas e organizadas para a montagem de um documentário cujo link está disponível no corpo da dissertação. Os questionamentos foram organizados nos blocos vida familiar, formação acadêmica, vida profissional, questão racial e observações. Por fim, o objeto empírico coletado e analisado por Lima (2023) foram as respostas de 137 jornalistas a um questionário com 122 perguntas organizadas de acordo com os temas dados pessoais, vivências na educação formal e mercado de trabalho.

O referencial teórico adotado nos estudos também é bastante próximo, sobretudo no que tange à preocupação de articular os estudos sobre gênero e raça. Os textos dialogam com intelectuais negras, entre as quais são unânimes Sueli Carneiro, Djamilia Ribeiro e Conceição Evaristo. O conceito de racismo estrutural também é mobilizado nos três trabalhos: Souza (2022) e Lima (2023) discutem-no a partir de Silvio Almeida, enquanto Louback (2018) recupera-o com base em Carlos Moore.

No que se refere às problemáticas/objetivos gerais das pesquisas, temos o seguinte panorama: “analisar trajetórias de jornalistas negras do Rio de Janeiro, atuantes em diferentes mídias cariocas” (Louback, 2018, p. 10); “Como os marcadores sociais de gênero e raça influenciam na profissão de jornalistas negras em Natal/RN? Como a história de vida delas e suas vivências com o racismo influenciaram suas práticas profissionais?” (Souza, 2022); e “identificar os impactos do racismo estrutural na trajetória de jornalistas negras, desde a formação escolar e superior, até a permanência (ou não) no mercado de trabalho” (Lima, 2023, p. 78).

### **Alguns apontamentos, à guisa de conclusão**

As três pesquisas estudadas têm como características em comum a adoção de referencial teórico notadamente negro e feminino, partindo da preocupação de pensar como mulheres negras são afetadas por sistemas de dominação, entre os quais se destacam racismo e sexismo. O conceito de interseccionalidade é tido como central nas duas pesquisas de mestrado (Louback, 2018; Souza, 2022) e, embora não seja nomeado no texto da tese estudada (Lima, 2023), os seus sentidos podem ser percebidos no modo como a pesquisa é desenvolvida e as reflexões, tecidas pela autora.

Em termos metodológicos, as pesquisas de mestrado são construídas a partir de entrevistas feitas pessoalmente com jornalistas, enquanto a tese de doutorado se estabelece a partir de memórias escritas pelas respondentes em um questionário online. A possibilidade de estar presencialmente com as entrevistadas é um ganho para as duas primeiras pesquisas, pois permite que vejamos as reações e expressões das entrevistadas no caso do documentário (Souza, 2022) enquanto no caso da pesquisa de Louback (2018) a autora tente descrever tais detalhes com a precisão que cabe na escrita. Além disso, os encontros presenciais abrem mais possibilidade para o aprofundamento e os desdobramentos das narrativas das entrevistadas. De modo geral, os problemas ou

objetivos gerais das pesquisas caminham em direção semelhante, buscando compreender as histórias de vida das jornalistas negras, pensando desde sua infância, passando pela formação no curso de graduação em jornalismo e problematizando suas experiências considerando os marcadores de gênero, raça e classe.

## Referências

BARICHELLO, E. A autoria na elaboração de uma tese. In: MOURA, C.; LOPES, M. (org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

COLETIVO COMBAHEE RIVER. Manifesto do Coletivo Combahee River. Tradução: Stefania Pereira e Letícia Simões Gomes. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 26.1, 2019, p. 197-207.

CRENSHAW, K. “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, nº 1/2002, p. 171-188.

LIMA, C. **Racismos nas trajetórias escolares e profissionais de jornalistas negras**. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

LIMA, S. (Coord. Geral). **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

LOUBACK, A. **Jornalistas negras no Rio de Janeiro: trajetórias de vida e narrativas de resistência diante do racismo**. Brasil, 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2018.

NICOLETTI, J.; KIKUTI, A.; MICK, J. A precariedade tem gênero? Condições de trabalho, saúde e violências das jornalistas brasileiras. In: Barros, J.; Nicoletti, J.; Lima, S. (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. 1. ed. – Florianópolis: Editora Insular, 2023. p. 61-82.

NONATO, C; SANTIAGO, A. Mais acesso, poucas oportunidades: o perfil de jornalistas negros e negras após uma década de pesquisas sobre o mundo do trabalho. In: Barros, J.; Nicoletti, J.; Lima, S. (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. 1. ed. – Florianópolis: Editora Insular, 2023. p. 83-102.

SOUZA, A. **Jornalistas da resistência: histórias de vida de jornalistas negras do Rio Grande do Norte**. Brasil, 2022. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.